

JOÃO POMBEIRO MEANINGLESSNESS

As indústrias do século auto-analisam-se no desenvolvimento do processo moderno. A relação especular que as produções possuem consigo próprias tornaram-se uma prática recorrente utilizando as mais diversas táticas e estratégias que, por uma frequente utilização de produções e ciências ou tecnologias exteriores podem, recorrendo a uma arqueologia do instituído, polemizando a história, questionando o sujeito e as estruturas do discurso, as relações de produção ou as condições de existência do fenómeno, estabelecer discursos críticos. Estes, no entanto vão sendo naturalmente absorvidos pela sistemática produtiva num processo perverso de pré-esvaziamento do reduto potencial da revolta. A indústria da arte não é excepção neste processo e as longas gestas conceptuais do século, enquanto constituintes de uma prática seminal ou meramente um exercitar lúdico das suas ferramentas, acabam no meio de um todo (que inclui a prática artística mas também a produção pedagógica, crítica e espectacular) por se submeter quase sempre a um destino próprio e sólido de produção fetichista essencial para a formação das relações de poder.

Um dos focos da minha atenção ao ir contactando com o projecto de João Pombeiro ao longo destes anos foi o reduto inicial desse mesmo projecto, fruto de um tempo determinado, de uma postura permanentemente contingente com as origens e os mitos fundadores deste poder soberano indissociável à Arte. João Pombeiro percebeu cedo que a crítica participa secretamente como cúmplice na construção do mito e deixa de ser actualidade para agir apenas como gesto esvaziado em simulação ou jogo. Porém neste tabuleiro de jogo onde o autor nos lança nunca é confessado inequivocamente um motivo para a mise-en-scène do crime de lesa-majestade à auto-produção da indústria da arte que nos propõe. Talvez lhe subjaza uma verdadeira nostalgia tingida de idealismo na relação do estético com a vida, ou uma pulsão revolucionária frustrada na realpolitik (apenas levemente aparente em "Revolution Grant") e talvez seja o jogo a que se entrega fruto da perda, afinal o rosário de um melancólico. Naturalmente a sinceridade, o objecto secreto da expressão "Real Deal" na única imagem da exposição é a primeira vítima mortal nesse mesmo jogo onde o primeiro acto consiste na constatação de que toda a arte é, efectivamente, mercadoria. Esta imagem ("Real Deal") que nos lançou o enigma constitui-se como horizonte a partir do qual potencialmente podem libertar-se todas as farsas, labirintos, caprichos, ex-machina e trompe l'oeil aplicados à vulgata literária da sociologia artística. O jogo atinge apenas a sua morte na regularidade visual da fonte tipográfica escolhida. Oculto assim o motivo, fica-nos a metodologia ou técnica e nesse campo os recursos de João Pombeiro são amplos.

A crítica sobre o linguajar característico dos meios artísticos ("Artworld") reduzida a uma forma vazia e inefectiva joga-se entre a aparência de actualidade e o declaradamente fútil (como em "How to Paint"). A reforçar este jogo sobre o objecto vem a própria inclusão ambivalente do "eu" ("Bored") nos enunciados; um "eu" que se percebe como biográfico e concreto justaposto a um "eu-artista" como simples elemento de estrutura sintáctica. Um outro desenvolvimento torna-se mais evidente neste corpo de trabalho; na sequência desta verdadeira estratégia de casa de espelhos (que fica bem aliás a um apaixonado por Hitchcock) e apesar da presença permanente nos trabalhos do "texto sobre arte e artistas", todo o trabalho vai tendendo naturalmente para uma libertação em relação a este referencial aproximando-se então os seus objecto e método daqueles próprios à poesia visual e concreta. No momento presente do qual a actual exposição é testemunho, as duas tendências contraditórias, por um lado a importância do referente crítico, entre a sinceridade e o slapstick verbal (patente em "Big thing") e do outro o jogo livre sobre linguagem (como no anagrama "Allergy in the Gallery"), coexistem numa tensão permanente assumida pelo autor.